

XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires, 2009.

Novas Racionalidades na docencia universitária. A intuição como forma de sentir/saber/fazer.

Marcelo Silva da Silva y Da Silva, M.S.

Cita:

Marcelo Silva da Silva y Da Silva, M.S. (2009). *Novas Racionalidades na docencia universitária. A intuição como forma de sentir/saber/fazer. XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires.*

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-062/2175>

ARK: <https://n2t.net/ark:/13683/evbW/E9v>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

Novas Racionalidades na docencia universitária

A intuição como forma de sentir/saber/fazer

Prof. Dr. Marcelo Silva da Silva

Da Silva, M.S.

marcelao_rs@yahoo.com.br

O presente artigo é parte da discussão que desenvolvi em minha tese de doutoramento em educação, fruto do estudo realizado no campo da docência universitária, explorando as fronteiras e os intercruzamentos entre a razão e a emoção; o vivido e o observado; o teórico e a prática; os saberes profissionais e a intuição docente. Hoje se vive um momento de *transição paradigmática* (SOUSA SANTOS, 2002), e que um de seus aspectos representa a busca por uma nova forma de ler e interpretar o mundo, através de outra ciência, fundamentada em uma nova concepção de conhecimento, por isso, sabemos, ou sentimos, que é necessário investir em novas racionalidades no campo da formação profissional. A lógica de atuação e formação profissional dos docentes universitários, historicamente esta baseada em uma racionalidade técnico-científica, que cada vez mais destacasse como um limitador do crescimento profissional, inibindo o surgimento de novas estratégias de atuação mais sensíveis e fundadas em um paradigma emergente onde o objetivo maior do conhecimento científico é tornar-se um novo senso comum emancipador. O foco principal da discussão que apresento gira em torno da formação profissional, mais especificamente, sobre formadores de novos profissionais, os docentes universitários. Por meio do estudo buscamos aprofundar os conhecimentos sobre quais são os *saberes profissionais* constituídos no *saber-fazer* cotidiano dos educadores e dos futuros profissionais e como a intuição esta presente nesse

contexto. O caminho teórico percorrido aborda uma breve discussão sobre o contexto da formação universitária, a descrição dos saberes profissionais docentes e por fim abordamos a possibilidade da intuição como forma de sentir/saber/fazer, fundado em outra racionalidade, como elemento necessário à atuação e formação dos profissionais, em especial dos profissionais de Educação Física. A argumentação teórica fundamentasse, principalmente, nos seguintes autores: Cunha (1998); Leite [Org.] (1999); Garrido; Cunha; Martini [org.] (2002); Tardif et al (1991); Tardif (2002); Tardif; Gauthier (1996); Borges (1995); Claxton & Atkinson (2002); Larrosa (2002); Maturana (2001; 2002); Viera Pinto (1979); Sousa Santos (1995), (2002). Podemos concluir por meio do estudo que no campo da formação universitária a racionalidade técnico-científica ainda é muito forte, mas encontramos docentes que vivenciam e defendem a importância de investir em novas formas de ensinar e de fazer, baseadas em um razão sensível, utilizando-se da intuição como uma forma de sentir/saber/fazer que precisa ser resgatada e valorizada, no contexto da prática e da formação.

Palavras-chave: Formação profissional; Intuições docentes; Transição Paradigmática.

1. Pela toca do Coelho - O contexto da discussão

Alice estava começando a se cansar de ficar sentada ao lado da irmã a beira do lago, sem ter nada para fazer: uma ou duas vezes ela tinha espiado no livro que a irmã estava lendo, mas o livro não tinha desenhos, nem diálogos. “E de que serve um livro”, pensou Alice, “sem desenhos ou diálogos?” (CARROLL, 2002, p. 11)

Ao iniciar meu estudo de doutorado propus a construção de uma investigação que resultasse em um novo conhecimento, que não se resumisse a *um livro sem figuras ou diálogos*, assim, tomei como metáfora a fabulosa história de *Alice no País das Maravilhas e Alice Através do Espelho*, escritas por Lewis Carrol, para construir um caminho de discussão e reflexão sobre a formação profissional, mais especificamente sobre os docentes universitários, seus saberes e a intuição como uma forma de sentir/saber/fazer presente no contexto da prática. Este artigo apresenta algumas questões discutidas em minha tese.

Realizar um estudo sobre os docentes universitários e seus saberes por si só já constituía uma tarefa árdua, mas discutir a intuição como mais um elemento da prática profissional foi um desafio ainda maior, foi como se aventurar pela *toca do coelho* buscando uma realidade quase às avessas, como se pudéssemos atravessar o espelho.

Boaventura de Sousa Santos afirma que: “*a ciência, a educação, a informação, a religião e a tradição estão entre os mais importantes espelhos das sociedades contemporâneas. O que elas refletem é o que as sociedades são. Por detrás ou para além deles, não há nada*” (2002, p. 48). Ainda que concorde com o autor quanto a essas instituições serem reflexos do que somos como sociedade, pergunto-me: e se por algum motivo misterioso se pudesse atravessar o espelho e encontrar outras possibilidades para a sociedade? Como seria uma ciência ao avesso? E uma educação? Que outras formas de saber se poderia encontrar do outro lado do espelho? É possível nos guiarmos por outras racionalidades para além da racionalidade científica? A intuição pode ser uma forma de sentir, de saber e de fazer, presente na prática profissional docente?

Então acreditando que encontraríamos mais histórias e estórias interessantes pelos campos de Críquete da Rainha de Copas iniciei um estudo com o objetivo de investigar a formação dos docentes universitários, partindo da premissa que estes são sujeitos históricos, pertencentes a um grupo socialmente constituído e que possui saberes que lhe são próprios. Para além desses saberes, a grande interrogação da investigação foi tentar compreender se os docentes universitários reconhecem ou não a *intuição* como um elemento para constituição de suas práticas docentes. Todos esses questionamentos estavam perpassados por minha constante necessidade de teorizar mais sobre o que estava vivendo, o que estava *me passando*, sobre minhas *experiências*, aqui entendidas no sentido que Larrosa (2002) propõe: *experiências* como algo que nos *atravessa, que nos passa, nos toca*, algo realmente significativo, não somente vivido, repetido.

As formas de ver e viver o mundo são o ponto de partida da investigação, é o que provoca a pesquisa. Em síntese, quando se questiona a realidade, se está tentando explicar o próprio *ser* nessa realidade, algo que transcende o ato de conhecer o outro, como se o outro não fosse a própria pessoa, assim como “*o desconforto ou a indignação perante o que existe suscita impulso para teorizar a sua superação*” (SOUSA SANTOS, 2002, p. 23).

Meu interesse situou-se na busca de uma teoria sobre a docência universitária que pudesse, assim como a teoria crítica pós-moderna de Sousa Santos (2002), *transformar-se num senso comum emancipatório*. Uma teoria autorreflexiva e fundada na prática, pois não é através da teoria que ela própria transforma-se em senso comum. A teoria é a consciência cartográfica, o caminho que vai sendo percorrido pelas lutas políticas sociais e culturais que influenciam a teoria, tanto quanto é influenciada por elas (SOUSA SANTOS, 2002).

Tento esse quadro teórico como tabuleiro para nosso jogo, busquei estudar a prática de docentes universitários no tocante aos seus saberes profissionais docente e a presença, ou não, da intuição no seu saber-ser e saber-fazer cotidiano. Foram investigados dois docentes universitários, ambos do sexo masculino, como idades distintas. O professor Coelho¹ mais jovem com aproximadamente 07 anos de atuação profissional e o professor Lagarta com maior experiência, tendo mais de 25 anos de docência. Ambos atuam no ensino superior com cursos de formação de professores, mas em diferentes áreas, o professor Coelho atua em cursos de licenciatura e bacharelado em Educação Física com disciplinas de formação específica, já o professor Lagarta atua em disciplinas pedagógicas para diferentes cursos de licenciatura: pedagogia, história, letras e também Educação Física.

Em relação aos aspectos metodológicos do estudo a metáfora com Alice volta a ser extremamente pertinente, vejamos:

"Bichano de Cheshire", começou, muito tímida, pois não estava nada certa de que esse nome iria agradá-lo; mas ele só abriu um pouco mais o sorriso. "Bom, até agora ele está satisfeito", pensou e continuou: "Poderia me dizer, por favor, que caminho devo tomar para ir embora daqui?"

"Depende bastante de para onde quer ir", respondeu o Gato.

"Não me importa muito para onde", disse Alice.

"Então não importa que caminho tome", disse o Gato. "Contanto que eu chegue a algum lugar", Alice acrescentou a guisa de explicação.

"Oh, isso você certamente vai conseguir", afirmou o Gato, "desde que ande o bastante." (CARROLL, 2002, p. 62 - 63)

¹ O primeiro investigado foi denominado professor Coelho e o segundo professor Lagarta.

Ao pensar a investigação temos em mente onde queremos chegar, ou deveríamos ter em mente esse objetivo, assim, o caminho a se tomar é fundamental. Quando a escolha desse caminho torna-se algo meramente acidental, ou de forma oposta, extremamente formal e acadêmica corremos o risco de não chegar onde queríamos, ainda que chegaremos a algum lugar, seja qual for o caminho que escolhemos. Essa preocupação me fez pensar bastante sobre o caminho que poderia seguir para alcançar os objetivos desse estudo.

O ponto de partida para definição do caminho do estudo foi que: todo conhecimento é autoconhecimento, assim, era preciso seguir um caminho que desse *voz* aos sujeitos do estudo.

Em síntese o conhecimento almejado na pesquisa estava fundado na ação, no vivido, na experiência, características muito peculiares aos saberes dos docentes, pois estes são constituídos em grande parte na ação cotidiana, na relação com os alunos e com o grupo profissional, permeado pela emoção, ainda que, muitas vezes, isso não seja reconhecido.

As explicações científicas são, pois, descrições metódicas e detalhadas de uma experiência vivida. Dessa forma, compreender a experiência de determinados docentes ajudou a explicar o processo da intuição em suas práticas, pois *“o que explicamos é sempre uma experiência. Por isso, quem descreve o que vai explicar, descreve o que se tem de fazer para ter a experiência que se quer explicar”* (Maturana, 2002, p. 55).

Para Maturana, *“a ciência - e a validade das explicações científicas - não se constitui nem se funda na referência a uma realidade independente que se possa controlar, mas na construção de um mundo de ações comensurável com nosso viver”* (2002, p. 55).

Partindo desse entendimento optei por observar e entrevistar os docentes participantes do estudo, compreendendo que esses procedimentos/caminhos possibilitariam com que chegasse aos resultados que buscava. As observações foram realizadas durante o ano de 2008, totalizando 30 aulas e mais uma série de encontros menores com os docentes onde foram realizados vários diálogos informais. Além das observações realizei um procedimento de entrevista semi-estruturada gravada e depois transcrita para posterior análise.

2. Elementos Teóricos e a Realidade Encontrada

“Como *consegue* continuar falando tão calmamente de cabeça para baixo?” Alice perguntou, enquanto o puxava pelos pés e o deitava num monte na borda do fosso. O Cavaleiro pareceu surpreso com a pergunta. “Que me importa onde está meu corpo?” disse. “Minha mente continua trabalhando do mesmo jeito. Na verdade, quanto mais de cabeça para baixo estou, mais invento coisas novas.” (CARROL, 2002, p. 233)

Em alguns momentos o fato de estarmos de cabeça para baixo parece não nos incomodar e, ao contrário, nos torna ainda mais criativos. As situações cotidianas da prática docente se desenrolam em um contexto fluido, muitas vezes inesperado, permeado pelas características dos sujeitos que atuam nessa atividade, o docente e os estudantes. Essa é uma característica inseparável da atuação docente, ela é constituída de práticas cotidianas planejadas, executadas dentro de um *habitus*, mas apesar disso não podemos caracterizar a prática docente como uma mera atuação técnica, mecânica e repetitiva.

Sacristán, salienta que

O mundo da ação pedagógica não é o mesmo da técnica (techne), no qual regras fixas regulam ações para conseguir metas, tampouco pertence à um mundo totalmente determinado por leis e estruturas externas (1999, p. 59).

SACRISTÁN chama a atenção de que não temos o controle prévio da experiência e o conhecimento sobre nossas ações, pois estas se realizam entre seres com liberdade, além de se darem em um contexto que não é neutro, portanto, fruto de um processo de construção.

Esse processo, ainda que contingente, não é desprovido de racionalidade.

A racionalidade atribuível aos seres humanos em suas ações é, pois, uma racionalidade imperfeita, mas perfectível, uma imperfeição inevitável, como estabelecia o pensamento de Aristoteles. Agimos em situações incertas, sem saber aonde conduzem exatamente nossas ações; o grosso da ação se projeta em termos de risco, de incerteza, de confusão (1999, p.59).

Essa incerteza, os riscos e a confusão às vezes deixam o docente *de pernas para o ar*, o que no meu entendimento é algo importante à medida que provoca mudanças e desacomodações de nossa habitual posição de conforto. Sem essas provocações é possível que nossa prática acabe por se constituir em um emaranhado de ações repetitivas que pouco, ou muito pouco contribuem efetivamente para aprendizagem dos estudantes.

Aqui chegamos ao ponto onde defino a tese do estudo, se vivemos na incerteza, se nossas ações como docente são constituídas no movimento fluido do momento, como podemos ser racionais, ou somente racionais em nossas práticas? Como explicar as mudanças de caminho, as guinadas inesperadas no fazer cotidiano? Que saberes sustentam essa atuação do docente universitário? A intuição é utilizada pelos docentes? E o que realmente entendemos por intuição?

Inicialmente defendo que as respostas para algumas dessas questões já estão construídas e teorizadas por Tardif (2002), em suas discussões sobre os saberes profissionais docentes, mas algumas estavam ainda em aberto, o que demandou o estudo de campo.

Os saberes profissionais docentes e suas características, descritas por Tardif (2002), estavam presentes nas práticas e nas falas dos dois docentes pesquisados. Ambos percebem que seus saberes são resultado de uma formação e de uma trajetória de vida, admitem que estão em formação e que suas práticas estão em constante transformação e crescimento, influenciadas pelos conhecimentos específicos das suas áreas de conhecimento e pelas experiências vividas no cotidiano da sala de aula universitária.

Outra característica definida por Tardif (2002), a temporalidade dos saberes, foi evidenciada nos diálogos que tivemos sobre as transformações na forma de *saber-ser* e *saber-fazer* de suas práticas, desde o início da docência.

Os saberes profissionais, para os docentes pesquisados, são personalizados à medida que são construídos e ressignificados individualmente pelo docente, durante sua prática, mas são também coletivos e situados, pois, simultaneamente, construídos e socializados no grupo profissional e com os estudantes, no processo de ensino e aprendizagem.

Essa visão de construção coletiva está muito presente na prática e na fala dos docentes. Eles assumem que o conhecimento é construído no processo educativo pela relação entre o educador-educando e educando-educando mediatizados pelo mundo. A teoria só tem sentido na medida em que serve para interpretar e ressignificar o mundo.

Ainda em relação às características dos saberes docentes, ambos os entrevistados percebem e reforçam a perspectiva que o saber do docente *carrega consigo as marcas de seu objeto, que é o ser humano* (TARDIF, 2002), mas sendo assim, em muitos momentos os próprios docentes pesquisados se encontraram em situações contingentes que demandaram mudanças significativas dentro do que havia sido planejado.

Depois dos diálogos com *Alice* e com os entrevistados, das observações da prática e da análise dos saberes, comecei a entender melhor como a intuição apresenta-se na prática e qual sua importância para os docentes.

É importante deixar claro que não entendo a intuição como algo mágico ou místico, também não a compreendo como algo infalível e exato. A intuição remete a “formas de saber”, ou ainda, a uma forma de sentir/saber/fazer que têm, em comum, a falta de uma compreensão articulada, clara ou racional. Ela é a apreensão imediata de uma situação ou realidade, sem a intervenção de nenhum tipo de racionalização (CLAXTON, 2002), que resulta em reflexão, sentimento, impressão ou sensação que podem vir seguidos de decisão ou ação (ERAUT, 2002).

Assim, ao investigar as práticas e (re)visitando minha própria trajetória é possível encontrar essa forma de sentir/saber/fazer, essa ação na intuição, que não se resume a um fazer do *habitus*, um fazer mecânico e repetitivo, mas sim um *saber-ser* e *saber-fazer* no momento, que não depende de uma racionalização prévia, é dinâmico e permeado pela emoção.

As emoções não são o que correntemente chamamos de sentimentos. Do ponto de vista biológico, o que conotamos quando falamos de emoções são disposições corporais dinâmicas que definem os diferentes domínios de ação em que nos movemos. Quando mudamos de emoção, mudamos de domínio de ação” (Maturana, 2002, p.15).

Nesse sentido, entendo que as mudanças de emoção ou de domínio de ação, como afirma o autor, estão carregadas de subjetividades, de aceitação ou não diante de pressupostos adquiridos *a priori*.

Os docentes estudados utilizam-se da intuição em muitos momentos de suas aulas, são flexíveis quanto ao planejamento, sentem-se ligados afetivamente a suas práticas e aos acadêmicos, valorizam o conhecimento prévio e buscam aprendizagens significativas para os estudantes.

Ambos demonstram capacidade e desprendimento para tomar decisões no momento; leem rapidamente o contexto; replanejam, quando necessário, o caminho a seguir durante as atividades de sala de aula. Eles têm a capacidade de se apropriarem imediatamente do conjunto de elementos e definem o rumo a tomar, apresentam as características e a capacidade de agir seguindo sua intuição docente.

Em síntese, a discussão que tento iniciar, nesse breve texto, é que devemos reconhecer e valorizar novas (ou não tão novas) racionalidades que estão presentes no cotidiano docente, racionalidades mais sensíveis que buscam a superação do dualismo entre razão e emoção, avançando em novas formas de sentir/saber/fazer.

Referencias bibliográfica

- CARROLL, Lewis. **Alice**: Edição Comentada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.
- CLAXTON, Guy. **Anatomía de la intuición**. In. ATKINSON, Terry; CLAXTON, Guy (Eds). *El Profesor Intuitivo*. Barcelona: Ediciones Octaedro, 2002. p. 50 - 75. (Colección Repensar la Educación, n. 15)
- ERAUT, Michael. **El profesor Intuitivo**: una visión crítica. In. ATKINSON, Terry; CLAXTON, Guy (Eds). *El Profesor Intuitivo*. Barcelona: Ediciones Octaedro, 2002. p. 323 - 341. (Colección Repensar la Educación, n. 15)
- LARROSA, Jorge Bondía. *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*. **Revista Brasileira de Educação**. Jan/Fev/Mar/Abr 2002 Nº 19. p.20 -28.
- MATURANA, Humberto R. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.
- SACRISTÁN, J. Gimeno. **Poderes instáveis em educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.
- SOUSA SANTOS, Boaventura de. **Um Discurso sobre as Ciências**. 7º ed. Porto: Edições Afrontamentos, 1995.
- SOUSA SANTOS, Boaventura de. **Para um novo senso comum**: a ciência, o direito e a política na transição paradigmática. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- TARDIF, Maurice. **Saberes Docentes e Formação Profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.